



# REBORN YESTERDAY

*New York Times* bestselling author

**TESSA BAILEY**



# PHENOMENAL FATE

## ORDEM DE LEITURA





# SINOPSE

Era uma noite como qualquer outra para a diretora da funerária Ginny Lynn, até que o excepcionalmente bonito - e infelizmente falecido - jovem em sua mesa de embalsamamento se sentou, abriu os olhos esmeralda e mudou o curso de sua vida para sempre, fazendo-a se sentir bastante agitada enquanto ele fazia isso.

Os humanos não deveriam saber que Jonas Cantrell, ou qualquer vampiro, existe. É uma espécie de regra principal. Apesar de seu vínculo instantâneo com Ginny perfeitamente peculiar, ele não tem escolha a não ser apagar as memórias de seu único encontro.

Esse era o plano. Antes que um relutante Jonas possa limpar a mente de Ginny, ela revela um segredo que traz seus mundos colidindo. Humano e vampiro. Passado e presente. Trevas e luz. Embora seu amor seja estritamente proibido, pode ser a única coisa que pode salvá-los...

# CAPÍTULO 1

Ele era o homem mais bonito que ela já vira.

Era uma pena que ele estivesse morto.

Ginny enfiou a mão no avental de borracha para pegar o controle remoto da televisão e abaixou o volume em *North by Northwest*<sup>1</sup>, silenciando o barítono aveludado de Cary Grant e não deixando nada além do zumbido de seu equipamento e tique-taque do relógio de parede. Assistir a filmes clássicos era sua norma durante o trabalho, mas o homem deitado em sua mesa de embalsamamento de metal merecia toda a sua atenção.

Ela caminhou em um círculo medido ao redor de sua figura deitada, seus dedos rastejando lentamente para sua garganta, tentando massagear a pressão que se espalhava ali. A morte em uma idade tão jovem não era justa para ninguém, mas tendo crescido em uma funerária, Ginny aprendera a compartimentar a tristeza. *Guarda para outro dia*, seu pai sempre dizia. Por que ela estava achando tão difícil rotular e armazenar a dor pela vida daquele jovem sendo extinta?

Do que ele morreu?

Nenhum ferimento de bala era visível. Sem sinais habituais de doença de longa duração. Seu corpo era forte e cheio de músculos. Ele parecia ter se deitado em sua mesa e adormecido, embora, por algum motivo estranho, ele não lhe parecesse um homem que descansava com frequência. Alguém pressionou o botão de pausa com uma força vital explosiva. Um fazedor de reis. Um dínamo.

Um homem especial.

Como ela sentia tudo isso vindo de um cadáver estava além dela. Ela deveria estar banhando o corpo agora e ainda assim ela hesitou em tocá-lo. Assim que o processo de embalsamamento começasse, seria definitivo. Não haveria mais como negar que a morte roubou este homem excepcional do mundo.

*Eu preciso saber o nome dele.* Quase desajeitadamente, ela levantou uma ponta do lençol que cobria seus pés... Mas sua busca resultou em ausência de digitais.

— Huh —, ela murmurou, substituindo o lençol com uma carranca. — Isso é estranho.

Apesar de um aviso de seu bom senso, a esperança floresceu em seu meio sobre mais uma pista de que este homem não poderia *realmente* estar morto.

O que era outra pista em uma linha embaraçosamente longa de que Ginny precisava de uma vida social.

Ninguém queria tomar margaritas com a Garota da Morte, como as jovens (claramente muito imaginativas) em sua aula de costura - Abrace os Esforços de Costura de Renda - a chamavam quando pensavam que ela não estava ouvindo. A escuta secreta nem era necessária. O fato de elas colocarem suas máquinas de costura o mais longe possível dela, sussurrar, olhar fixamente e nunca convidá-la para um drinque no Dowling's depois da aula era prova suficiente de que elas pensavam que a morte era contagiosa.

Era um equívoco com o qual ela vivia desde a pré-escola. Ela deveria estar acostumada a isso agora, mas era em momentos como este, enquanto lamentava em um silêncio assustador por um homem

morto, que Ginny se perguntava se o isolamento tinha cobrado seu preço.

– O que você acha, Cary? Eu fiquei louca? – ela perguntou ao homem imortalizado em Technicolor em sua televisão. – Claro que sim, você nem mesmo é a primeira pessoa morta com quem tentei conversar esta semana.

Sua atenção se desviou, teimosamente, de volta para o homem em sua mesa.

– Pode muito bem fazer um truque. Como vai?

Nenhum movimento na extremidade do cadáver.

– Haverá um milhão de mulheres chorando em seu velório?

– Ela bateu um dedo nos lábios. – Haverá, tenho certeza disso. O lugar vai transbordar de lágrimas. É melhor eu ter certeza de que nosso seguro contra inundações está atualizado.

Quando ela começou a circundar a mesa mais uma vez, seu jaleco branco arranhou a bainha de seu vestido xadrez verde, que caiu sensivelmente até os joelhos. Estava frio na casa funerária, especialmente no andar de baixo, onde os convidados da Casa Funerária P. Lynn eram mantidos em preparação para seu último adeus, então ela colocou meias pretas grossas com um padrão de flores antes de descer para trabalhar no turno da noite.

Vestir-se com cuidado era a maneira de Ginny mostrar respeito às pessoas com quem trabalhava - um fato que sua madrasta e relutante parceira de negócios muitas vezes zombava - mas uma camiseta e jeans simplesmente não estavam à altura quando lhe confiavam o cuidado de um ente amado. Ginny havia desenhado e costurado seu conjunto atual na aula e ela *definitivamente* não deveria estar se perguntando o que o Galã aqui pensaria sobre o corte e o

tecido. Ou se ele notasse que ela ajustou um pouco mais apertado na zona do quadril do que normalmente a deixava confortável.

– Eu preciso de ajuda. – Ela juntou seu cabelo ruivo sobre um ombro. – Você concorda, não é? Finalmente, você obteve paz e sossego com sua multidão de admiradoras e aqui vou eu, tentando incomodá-lo para que eu possa descobrir a cor de seus olhos. Você deve querer morrer de novo.

Continuando sua jornada ao redor da mesa, o olhar de Ginny foi para o relógio, lembrando-a de que ela deveria ter começado a trabalhar meia hora atrás. Por que ela estava tão relutante em começar? Como ela experimentava o peso da perda quando ela nunca se cruzou com esse indivíduo antes?

– De qualquer forma, eu sei o que você está pensando. Ela trouxe à tona minha legião de fãs três vezes agora. Ela deve estar com ciúmes. – Ginny parou ao lado do Galã e olhou para sua sobancelha majestosa, a masculinidade de sua mandíbula, e um terrível aperto começou em seu peito. – Eu acho que você está certo – ela sussurrou com as bochechas vermelhas. – Eu acho que se você tivesse sorrido para mim pelo menos uma vez no metrô há uma década, eu estaria vingando sua morte agora. Não é uma loucura?

Só para ter certeza de que um erro terrível (maravilhoso) não havia sido cometido, Ginny ergueu a mão direita, deixando dois dedos pairarem sobre o pulso do Galã. Sua frequência cardíaca disparou com a perspectiva de tocá-lo, o que não era um bom presságio para a tarefa desta noite de encher suas veias com formol. Como ela poderia dar a ele o devido cuidado que ele merecia se ela não conseguia parar de tremer?

Uma respiração revigorante passou entre seus lábios.

Ela tocou o pulso dele com os dedos.

Nada.

Não houve engano.

Ele estava completamente, devastadoramente morto.

– Eu sinto muito – Ginny conseguiu dizer, suas lágrimas brotando em um ritmo tão rápido que uma delas escapou, caindo pesadamente no torso frio do homem.

Seus olhos se abriram.

Seus... Olhos se abriram?

O choque queimou o sangue de Ginny, a tontura a balançou. Ao redor dela, a sala se estreitou e se expandiu como uma casa de diversões, fogos de artifício estourando em seus ouvidos. Ela cambaleou um passo para trás e caiu contra a parede de blocos de concreto, observando em choque penetrante enquanto o Galã voltava à vida. Não. Não. Isso tinha que ser sua imaginação. Ela esteve sozinha por tanto tempo, seu cérebro clamava por interação humana e de jeito nenhum, de jeito nenhum, o cadáver estava sentado...

Só que ele estava.

A menos que ela tivesse enlouquecido completa e totalmente, ele *estava* sentado, sua musculatura deslumbrante flexionando na luz áspera e clínica. Ela deveria ter gritado, chamado uma ambulância, dado um copo d'água para ele. Algo. Em vez disso, ela agarrou o meio do peito e sussurrou: – *Oh, graças a Deus.*

Lentamente, a cabeça do Galã se virou e olhos de um verde esmeralda profundo encontraram os de Ginny, estreitando-se quase num estremecimento. – N-não é fã de xadrez? – ela brincou, ridiculamente.

Sua atenção se concentrou no tecido em questão, queimando a pele abaixo como um ferro, antes de retornar aos olhos dela. — Onde estou?

Como ela deveria responder a perguntas simples quando sua voz soava como uma onda de fumaça? Quando ele era aproximadamente trinta vezes mais bonito em vida? Onde seu status sem camisa era funcional antes, ele agora estava sentado, exalando masculinidade com um lençol ao redor de seus quadris e, portanto, seu peito nu havia se tornado um ataque sensual. Cabelo espesso, preto como o pecado, foi penteado para longe de seu rosto, mas algumas mechas escaparam para acariciar sua testa. Sua mandíbula flexionou durante sua fala, mas Ginny não conseguia parar de olhar. Era como se ela tivesse fome por vê-lo.

A tristeza cultivada dentro dela se dissipou tão rapidamente, deixando a leveza para trás, que ela quase se sentiu histérica. Como se ela tivesse sido atirada em um tanque de hélio. — A melhor pergunta é: onde você esteve?

A mão de Ginny voou para a boca tentando prender a pergunta tarde demais. De onde veio isso? Talvez ela *estivesse* histérica. Afinal, um cadáver acabara de voltar à vida diante de seus olhos. Ela ganhou o direito de ficar calada.

— Eu sinto muito. O que eu quis dizer é que você está na casa funerária P. Lynn em Coney Island. — Ela parecia sem fôlego, mas oficial, como uma garota do tempo relatando ao vivo na frente de um tornado. Na hora, um estrondo começou acima e ela apontou para o teto. — Vê? Lá está o trem Q. Você quer falar sobre isso?

— Sobre o trem Q?

Seu sotaque era difícil de localizar, mas foi revelado com sugestões do sul. — Não. Não, quero dizer... — Ela se separou da parede e ficou se mexendo em suas sapatilhas. — O fato de que você acabou de voltar dos mortos.

— Sim —, ele respondeu lentamente, olhando para ela de uma forma que fez sua pele ficar quente e sensível. — Primeiro, gostaria de falar sobre por que você não está gritando.

Honestamente, Ginny não tinha uma boa resposta para sua pergunta razoável e direta. Então ela divagou, como sempre fazia em situações em que sua normalidade era questionada. — Se eu gritar, posso te assustar até a morte e acho que isso pode me tornar uma assassina. — Tornando assim óbvio que ela era bastante *anormal* e tornando a conversa ainda pior para si mesma. — De qualquer forma, é uma ocasião feliz. Você está vivo! Você está de volta. — Sua conversa estimulante morreu em seus lábios quando algo terrível aconteceu. — Você não ouviu nada do que eu disse *antes*. Você ouviu?

Uma centelha de humor iluminou seus lindos olhos. — Você estava conversando com um homem morto?

— Que bom, você não ouviu nada. — Ela engoliu em seco. — Mas agora você acha que sou louca, então qual é a diferença? — Ele a observou com curiosidade enquanto ela cruzava a sala e pegava o receptor do telefone fixo. — Nós provavelmente deveríamos chamar uma ambulância. Ou, pelo menos, a médica legista para informá-la que ela precisa manter seu trabalho diário...

— Guarde isso.

O receptor estava de volta no lugar antes que ele terminasse de falar. Ginny olhou para a mão que tinha movido por conta própria,

arrepios formigando seus braços. — Eu, hum... Eu possa verificar seus sinais vitais, mas não posso tratá-lo —, disse ela, um pouco acima de um sussurro. — Você deveria ser examinado.

Ele esfregou a fenda no queixo. — Qual é o seu nome?

— Ginny — ela murmurou, amando o ato de passar esse conhecimento para ele. Mesmo que ele esquecesse o nome dela em cinco minutos, ele sabia agora.

— *Ginny*. — Ele disse o nome dela como um pecador sussurrando seus segredos mais sombrios para um padre em um confessionário. — Você não parece adequada para trabalhar em uma funerária.

— Oh. — Uma onda de prazer a invadiu, até que percebeu que ele poderia muito bem acompanhar essa afirmação com, *you have a future with the circus*. — Para qual linha de trabalho eu pareço mais adequada?

— Dada a sua capacidade de manter seu senso de humor sob estresse, ser uma general de guerra ou uma comediante.

Ela riu. Seus lábios se separaram com o som e por algum motivo, ele parecia devastado pelo som. Devastado e fascinado.

— E o *seu* nome, senhor?

Ele não levantou uma sobrancelha com a maneira como ela falou, o que foi bom. Antes de aprender a encadear uma frase, ela estava assistindo a filmes em preto e branco ao lado do pai no sofá. Combinando isso com a maneira formal de seu pai falar - e sua idolatria pela estrela de cinema/deusa Lauren Bacall - ela foi acusada mais vezes do que podia se lembrar de soar como uma explosão do passado.

— Jonas —, disse ele, quase baixinho demais para entender.

Jonas. Jonas.

Era perfeito para ele. Forte, fora do comum, adorável.

Ela deve ter suspirado alto, porque a cabeça dele virou bruscamente.

– Onde estão minhas roupas, Ginny? Eu preciso sair.

– Eu... Sim. Sim, claro que você quer. – Seus dedos se mexeram nervosamente. – Você deve ter uma família que ficará muito feliz com esta reviravolta nos acontecimentos.

– Sem família – ele murmurou. – Apenas dois companheiros de quarto idiotas com um chute no traseiro no futuro.

– Desculpe?

Ele desviou o olhar, sua risada sem humor pairando no ar. – Que diabos. Você não vai se lembrar de nada do que aconteceu esta noite, de qualquer maneira, vai?

– Oh. Eu prometo a você, eu vou lembrar.

– Sinto muito, eu não posso permitir isso. – Mais uma vez, seu olhar curioso a varreu, como se estivesse tentando avaliá-la e incapaz de chegar a uma conclusão direta. – Parece que nós dois fomos vítimas de uma pegadinha. Meus colegas de quarto me deixaram aqui enquanto eu dormia. – Ele balançou sua cabeça. – Todos os anos, no meu aniversário, eles insistem em fazer algo perigoso e estúpido, embora eu realmente pensasse que eles superaram isso. Sinto por qualquer angústia que isso tenha causado a você. Eles vão pagar por isso, eu prometo.

Ginny estava incrédula. – Como você pôde dormir sendo transportado para uma casa funerária? Eles *drogaram* você?

Ele parecia escolher suas palavras com cuidado. – Não durmo com frequência, mas quando durmo, é bastante profundo.

– Oh. – Ela apontou para sua máquina de embalsamar. – Aqueles idiotas. E se eu tivesse enchido você de produtos químicos?

– Idiotas –, ele murmurou com um meio sorriso. – Minhas roupas, Ginny. Por favor.

– Devo falar com minha madrastra sobre nosso sistema de segurança. Eles provavelmente se esgueiraram durante o *Survivor* - ela não pisca enquanto está ligada. – Ainda perplexa com o fato de um corpo vivo ter sido contrabandeado para a casa funerária sem ser visto, Ginny decidiu que não havia muito que pudesse fazer sobre isso agora. Ele devia estar congelando na mesa de metal frio, para não mencionar traumatizado. Ela não podia simplesmente fazê-lo sentar lá enquanto ela balançava o punho contra as ações de seus amigos imprudentes. – Roupas. Você precisa de roupas –, disse ela, concentrando-se. – Já estou indo, Galã.

– O que é que foi isso?

*Ande, por favor, abra e me coma viva. Atenciosamente, Ginny.* – Nada. Deixe-me ver se você deixou alguma coisa. – Ela avançou em direção à mesa, a sua intenção de abrir a gaveta de armazenamento de metal embaixo onde sua madrastra normalmente colocava a roupa de enterro. Ela não tinha nenhuma razão para acreditar que seus amigos iriam seguir o procedimento, mas ela estava operando fora de hábito. Quanto mais se aproximava de Jonas, mais seu punho se fechava no lençol. Seria possível que ela agora estivesse repelindo os meio-mortos, assim como os vivos?

Fabuloso.

Tentando não olhar para a linda espécime masculina de perto, ela se abaixou com propósito e abriu a gaveta, um pouco surpresa ao

encontrar um par de jeans e uma camiseta enrolados. Na frente da camisa, as palavras *Aniversariante* haviam sido escritas em Sharpie.

Ginny ergueu para ele inspecionar.

Ele suspirou. — Idiotas.

Ela se levantou e entregou-lhe as roupas. — Feliz aniversário. Que idade?

Jonas fez uma pausa no ato de puxar a camisa pela cabeça. — Vinte e cinco.

— Oh! — Ela se mexeu inquieta. Ela estava assistindo ele *se vestir*. — Meu aniversário também está chegando. Logo teremos a mesma idade.

Ele ficou em branco. — Certo.

Uma vez que sua camisa estava no lugar - e ela estava tentando ao máximo não notar como seus bíceps mal cabiam nas mangas - ela percebeu que a etiqueta estava para fora. Sem pensar, ela estendeu a mão e enfiou-a dentro do algodão branco, com os nós dos dedos roçando na pele dele. Jonas fez um som áspero e ela puxou a mão de volta com uma respiração ofegante. — Jonas, você ainda está muito frio. Tem certeza que não devo chamar um paramédico?

— Esta é minha temperatura normal, Ginny — ele murmurou, o lençol soando como se estivesse rasgando em suas mãos. — Você, no entanto, é muito quente. — Suas narinas dilataram-se. — Não tenho certeza de que se trata de você, mas há uma... Diferença.

— Entre nós?

— Entre você e todos os outros. — Ele se moveu de repente e rapidamente, tão rápido que ela mal o registrou jogando as pernas para o lado oposto da mesa e um lampejo de nádegas firmes, antes de ele vestir os jeans. — Eu não posso estar aqui.

Era quase alarmante como ela ficou em pânico com sua partida iminente. Sua garganta fechou-se no tamanho de um canudo e um motor deu a partida em sua barriga, roncando e falhando, repetidamente. — Posso te levar a algum lugar? Eu teria que usar o carro funerário, mas...

— Você não deveria estar me oferecendo uma carona, Ginny. Eu sou um estranho. — Ele se virou para encará-la sobre a mesa de metal, parecendo profundamente perturbado. — Você costuma dar carona a homens sobre os quais não tem o mínimo conhecimento?

— Sim, mas eles geralmente estão mortos. É uma espécie de acordo que eles aceitam.

A confusão roubou sua irritação. — Quem é você?

— Você poderia descobrir — ela sussurrou, temendo ser humilhada por isso amanhã, mas incapaz de se conter. — Você poderia ficar e descobrir.

Algo semelhante ao desejo varreu suas feições. — Não, eu... Não posso.

Qual foi a causa desses nervos estalando nas pontas dos dedos? Se ela não encontrasse uma maneira de prolongar esse encontro, tudo estaria acabado antes de começar e algo sobre isso parecia terrivelmente errado. — Não precisamos ficar aqui —, disse ela. — Na verdade, estava pensando em dar um passeio. — Antes que ele pudesse responder, Ginny tirou o avental pela cabeça, jogou-o no balcão mais próximo e saiu correndo pela porta da sala de embalsamamento. — Vem?

— Um passeio — ele repetiu, de alguma forma já bem atrás dela. — No meio da noite?

– É a melhor hora para caminhar. Tudo está tão quieto.

– Como você viveu tanto tempo? – Uma batida passou. –  
Por favor, eu não posso fazer isso.

– Tudo bem. – Seu sorriso era inocente. – Eu posso ir  
sozinha.

Com um grunhido, Jonas chegou ao lado de Ginny e ela  
escondeu um sorriso aliviado.

– Uma hora – ele murmurou. – Eu tenho uma hora.

## CAPÍTULO 2

O Luna Park estava fechado durante a noite, mas alguns dos brinquedos ainda brilhavam onde se alinhavam ao longo do calçadão de Coney Island. Com o outono avançando gradualmente, o vento tinha uma mordida fresca, mas o verão ainda estava presente, trazendo o cheiro de areia quente e água salgada. Exceto por um punhado de pessoas dormindo em bancos e um rato ocasional correndo para pegar pedaços de pipoca e crostas de pizza caídas, o calçadão estava vazio de vida, silencioso o suficiente para ouvir as ondas quebrando perto, o chiar da caiação.

Jonas caminhava ao lado dela com as mãos cruzadas nas costas, olhando fixamente para a frente, ocasionalmente murmurando frases para si mesmo. *Eu não deveria estar fazendo isso* parecia ser o seu favorito, com *você enlouquecendo* vindo em segundo lugar.

*Eu tenho uma hora.*

Esse era o seu murmúrio favorito até agora.

Ele não disse: — *Você* tem uma hora. — Ele disse: — *Eu* tenho uma hora.

E talvez, apenas talvez, isso significasse que ele estava gostando de estar com ela, mesmo que parecesse que estava sendo fervido vivo em uma cova de óleo quente.

Uma garota poderia sonhar.

— Uma hora — ela murmurou agora. — E então eu não vou te ver de novo?

Sulcos se formaram entre suas sobrancelhas. — Correto.

Ela ignorou a pontada em seu peito. — Esta é uma oportunidade única então.

Ele parecia relutantemente intrigado. — Como assim?

— Desde que nós nunca vamos ver um ao outro depois desta noite, podemos dizer as coisas mais estranhas em nossas mentes sem medo de reviver o embaraço cada vez que nos encontramos. Talvez eu possa até mesmo passar os segredos do sexo feminino. Você não está curioso por que as mulheres abrem a boca quando aplicam rímel?

— Não até agora. Por que elas fazem isso?

— É reflexivo. Quando a mulher tenta não piscar, o nervo oculomotor é ativado, disparando o nervo trigêmeo que abre a mandíbula. Boca aberta significa não piscar - e nossos corpos fazem isso naturalmente. — Ela sorriu para ele. — Você não está feliz por ter vindo nesta caminhada?

Ele riu, o som pleno e profundo fazendo-a pensar em adegas subterrâneas e nas seções escuras e menos viajadas de uma biblioteca. — Vai ser impossível esquecer —, disse ele, parecendo de repente sem palavras.

— Por quê?

— Nada —, ele respondeu, olhando para ela com curiosidade. — Eu simplesmente não consigo me lembrar da última vez que ri... Sem me obrigar a fazer isso por educação.

— Você é sempre educado?

— Eu não diria isso, mas sempre procuro fazer o que é apropriado. A coisa certa. — Baixinho, ele disse: — Normalmente, de qualquer maneira.

Ginny parou, algo terrível lhe ocorrendo. — Você é casado? É por isso que você não deveria estar fazendo isso? Você disse que

tinha colegas de quarto e eu *presumi* que isso significava que você era solteiro...

– Eu não estou comprometido, Ginny. – Ele parecia paralisado por seu cabelo soprado pela brisa. – Em uma maneira de falar. – Com um esforço visível, ele se recompôs. – E você? Você sempre faz a coisa certa?

– Estou no ramo funerário. Eu gosto de deixar espaço para uma área cinza.

A diversão apareceu em seu rosto. – Se importa em elaborar?

Ginny cantarolou. – Nós tivemos um cliente uma vez, quando meu pai ainda estava vivo. O falecido pediu para ser enterrado com seus relógios de ouro. Jonas, ele tinha *quatorze* deles. Sete em cada braço. – Ela balançou a cabeça com a memória. – Seus filhos não podiam pagar pelo funeral ou pelo túmulo, então escondemos dois dos relógios dentro de uma caixa de Big Mac.

Ele deu um sorriso. – Não detectei nenhuma área cinzenta aí. De que adiantaria quatorze relógios enterrados quase dois metros abaixo do solo? Você não pode levá-los com você.

– Exatamente.

– Quando você está morto, não pode levantar o pulso para verificar a hora, de qualquer maneira –, disse Jonas.

Ginny riu em sua palma - e o som o fez tropeçar e parar de andar.

– O que?

– Não sei. – Ele abriu a boca e fechou-a. – É quase como se eu sentisse mais falta da sua risada do que da minha.

– Oh – ela sussurrou.

Quando eles começaram o caminho novamente, Jonas parecia bastante distraído. — Tudo bem, minha vez de uma pergunta. Você é otimista ou pessimista?

— Pessimista até os ossos. Você?

— Definitivamente otimista.

— Uma otimista que trabalha em uma funerária?

— *Possuo* uma casa funerária. — Ela semicerrou os olhos para ele. — Ciúmes?

Ele passou os dedos pelo cabelo, deixando-o despenteado e sem direção. — Jesus, Ginny, você é tão cativante, é doloroso. — Sua mandíbula cerrada. — Vamos voltar.

Relutantemente, ela se virou e eles partiram na direção em que haviam caminhado. — Por que um pessimista?

— Vi muitas coisas darem errado na... Minha época.

— Diga algo que você viu dar certo.

— Essa é uma técnica que os otimistas usam para trazer alguém para o lado da luz?

— Não, eu acabei de inventar.

Seus dentes brancos brilharam, mas seu sorriso lentamente derreteu. — O tempo acerta as coisas, suponho. As estações aparecerem sem falha, ciclo após ciclo. As pessoas colocam suas luzes de Natal na mesma época todos os anos. A noite chega mais cedo, depois mais tarde, e mais cedo novamente. As crianças crescem, aprendem, se casam. Tempo nunca falha, ele continua indo.

Ginny olhou para o oceano, embora sua atenção desejasse estar em Jonas. — Não consigo decidir se isso é bonito ou assustador. Talvez sejam os dois.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Reborn Yesterday"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).